



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

A EDUCAÇÃO ÉTICO-EXISTENCIAL: UM NOVO FAZER PEDAGÓGICO

Vera Lúcia Periassu de Oliveira*****
(Rede Estadual da Paraíba)

Jorge Miranda de Almeida§§§§§§§§§§§§§§§§
(PUC)

Zelia Salles*****
(PUC)

RESUMO

por meio do encontro entre o filósofo Kierkegaard e o educador Paulo Freire. Entende-se este novo fazer pedagógico, a partir da edificação da subjetividade enquanto singularidade, como uma exigência urgente e desafiadora. Na verdade, representa um grande desafio de ultrapassar a mentalidade da pedagogia tradicional, que há séculos está à serviço da sociedade capitalista. Por causa disso, a educação que temos prioriza as competências e habilidades, visando preparar o aluno para ser um excelente profissional; no entanto, não se tem investido em conteúdos para que o educando possa ele mesmo se transformar, mediante a educação, em um ser humano autêntico, em indivíduo singular. Este estudo vem priorizar, portanto, a Educação como tarefa da existência centrada na singularidade, transformadora não apenas das estruturas sociais, políticas e econômicas do nosso país, mas principalmente transformadora do dom da vida em tarefa existencial, na edificação do si mesmo rumo à construção da própria singularidade. Assim sendo, a Educação faz parte de um processo, de um trabalho de interioridade que se desenvolve a partir da tensão e das escolhas no interior da subjetividade e da objetividade.

PALAVRAS CHAVE: Educação, Ética, Existência

*Mestre em Língua Portuguesa, pela Universidade Federal da Paraíba/UEPB, 1994; Especialista em Língua Portuguesa, Universidade Federal da Paraíba/UEPB, 1990; Graduação em Letras, Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), 1981. É membro do Grupo de Pesquisa CNPQ intitulado *Memória, subjetividade e subjetivação no pensamento contemporâneo*; Professora de Língua Portuguesa, Rede Estadual da Paraíba, 1978 a 1990. veraperiassu@hotmail.com

*Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (2004). Mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1993) Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1990).

* Mestre em Teologia (com pesquisa em Teologia e Psicologia) pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, PUC/SP 2002. sallesz55@gmail.com

§§§§§§§§§§§§§§§§



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

INTRODUÇÃO

Edificar-se a si mesmo pressupõe a educação como construção. Para Kierkegaard, o que é doado gratuitamente é a vida humana, a existência é uma tarefa que compete única e exclusivamente ao si mesmo. Essa compreensão nos remete a Paulo Freire, quando nos diz: “*Me movo como educador, porque, primeiro, me movo como gente*”. Na obra *Educação como prática da liberdade*, Freire (2000) refere-se à educação como um ato de liberdade humana, afirmando que uma das tarefas primordiais da pedagogia crítica radical libertadora é trabalhar, de forma efetiva, a legitimidade do sonho ético-político da superação da realidade injusta e a promoção da dignidade. Nesta ótica, entende-se que educar é muito mais do que ensinar a ler e escrever; educar significa um esforço em construir caráter e personalidades fortes e edificadas como estabelece Kierkegaard, para que o indivíduo singular tenha condições de vivenciar, responsabilmente, o desafio e as exigências inerentes à liberdade entre a sua estrutura singular e coletiva.

Para o autor de *Migalhas Filosóficas*, a educação é a tarefa de transformação do eu (indivíduo) em “si mesmo” (singularidade). Neste sentido, a educação é considerada edificante porque deve ser construída na interioridade, para que o singular possa elaborar a própria personalidade e atingir a maturidade necessária para se doar ao próximo na condição de excesso ou “transbordamento de si” numa relação que envolve o si mesmo e o outro, pois não é possível na perspectiva kierkegaardiana conceber o si mesmo sem ao mesmo tempo construir o próximo. A respeito dessa categoria inaugurada por Almeida (2013), percebe-se o quanto é urgente e necessário um antídoto eficaz contra o veneno do egoísmo, da ambição desenfreada e do “querer levar vantagem em tudo”. A resposta a tanta indiferença e individualismo, diferente aqui de individualidade, seria o transbordamento de si, a partir de uma educação como tarefa na edificação da própria subjetividade.

O objetivo desta comunicação é apresentar ao leitor a proposta de Almeida a respeito da educação ético-existencial, partindo dos pensadores Kierkegaard e Paulo



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Freire, que nos oferecem possibilidades de refletir sobre um novo fazer pedagógico, centrado na edificação da subjetividade, ou seja, numa educação como tarefa de edificar singularidades. Nesta abordagem da educação ético-existencial como novo fazer pedagógico, tem-se como referencial teórico a temática desenvolvida por Paulo Freire, principalmente em *Educação como prática da liberdade*, *Educação e Mudança*, *Pedagogia do Oprimido* e *Pedagogia da Autonomia*; *As Obras do Amor* e o *Pós-Escrito às Migalhas Filosóficas*, de Kierkegaard e a principal referência teórica que é a *Educação em Kierkegaard e Paulo Freire*, do autor citado anteriormente.

Neste sentido da busca e edificação de si mesmo, do existir e não apenas viver, de uma educação que seja realmente ética e não apenas educação formal nos modelos tradicionais da sociedade capitalista, constata-se a necessidade de um empenho por uma educação ético-existencial, na tentativa de contribuir ainda mais para que o processo educativo seja realmente transformador da nossa realidade sócio-educativa, começando por cada um de nós, educadoras educadores, que desejamos não apenas viver, mas existir em nossa singularidade. (ALMEIDA, 2013).

A edificação da singularidade do educando e de seus educadores, pautada no pensamento de Kierkegaard, dentro do contexto sócio educacional brasileiro indica uma utopia que comporta um potencial de transformação da realidade. Com Almeida, vislumbra-se a possibilidade de uma mudança no sistema educativo vigente; focado unicamente na escolaridade, para uma educação de fato, que mereça ser chamada de educação, promotora do bem comum em favor de todo o povo. Entende-se, portanto, que a referida proposta vem, com muita propriedade, ajudar a todos os educadores em suas reflexões e ações cotidianas sobre o fazer pedagógico. O trabalho atual por uma educação libertadora, fundamentado nas obras do educador Paulo Freire, vem agora enriquecer-se na linha de pensamento do filósofo Kierkegaard. Nesse encontro do pensamento Freire-Kierkegaard, Almeida nos questiona: É possível transformar as estruturas sem ao mesmo tempo transformar a mentalidade de cada existente? Neste sentido, compreende-se que há viabilidade da concretização de tal proposta, na medida em que os educadores forem sendo cativados e envolvidos nesta utopia educacional,



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

apostando no valor e na significação da grande tarefa educacional que é o edificar-se a si mesmo.

Esta proposta de Almeida por uma educação ético-existencial vem profetizar o protagonismo de uma nova pedagogia, ou seja, o despertar de uma verdadeira educação em nosso país centrada na construção de subjetividades autênticas; não apenas como vem acontecendo em nossos dias: “uma *domesticação*” segundo Paulo Freire, isto é, “uma escolaridade” predestinada a criar competição e desigualdade de oportunidades nesta sociedade capitalista centrada no ter.

EDUCAÇÃO ÉTICO-EXISTENCIAL

O professor Antonio Sidekum, na apresentação que faz da obra de Almeida “*A Educação em Kierkegaard e Paulo Freire: por uma educação ético-existencial*”, refere-se à mesma como sendo uma profunda análise da experiência ética sobre a subjetividade introduzida e refletida no âmbito da filosofia existencial de Kierkegaard e da dimensão da relacionalidade do fenômeno da educação libertadora em Paulo Freire. Para Sidekum, o livro traz a discussão sobre a ética e a política aplicada à educação, sendo um recurso especial para refletirmos eticamente a respeito da realidade da educação em nosso país, onde a indignação é uma constante em nosso cotidiano, no qual tantos crimes são cometidos contra a dignidade da pessoa humana. (ALMEIDA, 2013, p. 10). Nessa obra, o autor aprofunda a distinção realizada por Kierkegaard no *Conceito de Angústia* (2014) entre primeira e segunda ética, assumindo a segunda ética e elaborando suas bases a partir da obra *As obras do Amor* (2005) e pauta a segunda ética no engajamento da pessoa singular, assumindo a responsabilidade radical na promoção do próximo como condição da própria ética.

Almeida, dialogando com Adorno (2010) e Arendt (2009) a respeito da barbárie e banalidade do mal, já nos questiona por que a ética não é internalizada



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

como prática pedagógico-político-educativa e nos alerta a respeito dos modelos atuais de educação:

[...] Ora, se os modelos atuais de educação efetivamente contribuíssem para construir dignidade humana, portanto, pessoas éticas, engajadas na construção do bem, da solidariedade, da justiça, não estaríamos afundando num novo tipo de barbárie [...] (ALMEIDA, 2013 p. 18)

Como consequência da indiferença dos homens diante das várias formas de violências e do fracasso das concepções de éticas anteriores que não eram capazes de relacionar com a educação enquanto práticas transformadoras de vidas em existência. Almeida (2013) afirma que se os modelos atuais de educação contribuíssem, efetivamente, para construir a dignidade humana, o caráter, pessoas éticas engajadas na construção do bem, da solidariedade e da justiça, não haveria tanta barbaridade, tanto descaso em relação à existência. Na obra *Ética e existência em Kierkegaard e Levinas*, o autor nos esclarece:

[...] a ética e a educação vivem em dois universos antagônicos quando tomados no interior da realidade socioeconômico-cultural brasileira. O discurso é um, a prática é outra; a ética propõe ações para construir a dignidade humana, a educação instrumentaliza e ajusta para o mercado de trabalho e para a adequação às normas de controle vigentes. (ALMEIDA, 2013 p. 13)

A obra do referido autor nos oferece possibilidades de pensar a respeito da educação, da ética e das questões relativas à subjetividade, à existência, por meio do encontro entre o filósofo Kierkegaard e o educador Paulo Freire. Quanto a nós, educadores, podemos nos perguntar: Mas o que tem a ver mesmo Kierkegaard com Paulo Freire? O que estes autores concebem como educação? Eis um importante esclarecimento:



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

A concepção do homem como inconcluso e inacabado e por isso mesmo aberto às possibilidades é comum aos dois pensadores. Porque inconcluso é capaz de ser educado. Por isso, não é possível fazer uma reflexão séria sobre filosofia, sobre educação e sobre ética sem refletir de dentro sobre o próprio homem, sobre a condição humana, sobre as contradições e os contrastes inerentes ao processo de tornar-se homem, pelo menos é essa a temática desenvolvida por Freire, principalmente em *Educação e mudança*, *Pedagogia da autonomia*, *Pedagogia do oprimido*, e por Kierkegaard na *Doença mortal (o desespero humano)*, *Post-scriptum conclusivo não científico*, *O conceito de angústia*, *Migalhas Filosóficas* e *As Obras do Amor*. (ALMEIDA, 2013 p.18)

Na obra *Educação como prática da liberdade*, Freire (2000) refere-se à educação como um ato de liberdade humana, afirmando que uma das tarefas primordiais da pedagogia crítica radical libertadora é trabalhar, de forma efetiva, a legitimidade do sonho ético-político da superação da realidade injusta e a promoção da dignidade. Nesta ótica, a proposta da educação ético-existencial vem reforçar que:

Educar é muito mais do que ensinar a ler e escrever; educar é construir caráter e personalidades fortes e edificadas, como estabelece Kierkegaard, para que se possa vivenciar, responsabilmente, o desafio e as exigências inerentes à liberdade. (ALMEIDA, 2013 p.19)

Para Kierkegaard, a educação é compreendida como a tarefa de transformação do eu (indivíduo) em “si mesmo” (singularidade). Deve ser construída na interioridade, para que o singular possa elaborar a própria personalidade e atingir a maturidade necessária para se doar ao próximo. Almeida (2013) vai além, acrescentando a respeito dessa doação ao próximo a categoria do transbordamento de si, pois, segundo ele, permanecer em si mesmo sem ir ao encontro do outro não passa de um ato de alienação e desespero. O importante é ir



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

ao encontro do outro, a fim de se tornar cada vez mais um si mesmo como o outro e com o outro.

Neste sentido da busca e edificação de si mesmo, do existir e não apenas viver, de uma educação que seja realmente ética e não apenas educação formal nos modelos tradicionais da sociedade capitalista, sentimos a necessidade de nos comprometer em trabalhar por uma educação ético-existencial, na tentativa de contribuir ainda mais para que o processo educativo seja realmente transformador da nossa realidade sócio-educativa, começando por cada um de nós, educadores, que desejamos não apenas viver, mas existir em nossa singularidade. Edificar-se a si mesmo pressupõe a educação como construção. Para Kierkegaard, o que é doado gratuitamente é a vida humana, a existência é uma tarefa que compete única e exclusivamente ao si mesmo. Essa compreensão nos remete a Paulo Freire, quando em *Educação como prática da liberdade*, em *Educação e Mudança* e em *Pedagogia da Autonomia*, entre outras obras, evidencia a vivência da ética como fundamental para a construção da própria humanização da pessoa. Para ele, este compromisso com a humanização do homem implica uma responsabilidade histórica, um engajamento, não pode realizar-se através do palavreiro, nem de nenhuma outra forma de fuga do mundo, da realidade concreta, onde se encontram os homens concretos. (FREIRE: 1979).

Entendemos, portanto, que a proposta da educação centrada na ética e na edificação da existência vem nos ajudar, com muita propriedade, em nossas reflexões e em nossa ação cotidiana sobre o fazer pedagógico. O trabalho atual por uma educação libertadora, fundamentado nas obras do educador Paulo Freire, poderá nos enriquecer ainda mais na linha de pensamento do filósofo Kierkegaard. Nesse encontro do pensamento Freire-Kierkegaard, apresentado por Almeida, este ainda nos pergunta: É possível transformar as estruturas sem ao mesmo tempo transformar a mentalidade de cada existente? O autor nos esclarece:



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

O existir autêntico é para o existente o seu supremo interesse e comprometer-se em existir é a sua realidade. Portanto, o autêntico saber é aquele que promove essa transformação interna, o que não é possível num discurso acadêmico e desinteressado, numa lógica fria e insensível diante dos destinos e dos dramas colocados a cada existente. O que está em jogo não é uma equação, fórmula ou regra gramatical, o que precisa ser entendido nas pedagogias atuais é que a nossa vida está em nossas mãos e que somos responsáveis pelas escolhas que construirão ou não uma individualidade autêntica. Mas como escolher se o discípulo aprendeu, mas, não apreendeu o essencial que é realizar-se a si mesmo? Como construir com o discípulo se o mestre não desceu do seu púlpito e não se fez ele mesmo discípulo? Como educar, se o mestre, ele mesmo não existe, mas apenas vive como um livro numa prateleira da biblioteca cheio de conhecimentos, mas carente de testemunho da verdade e, por isso, incapaz de traduzir-se em verdade? (ALMEIDA, 2013 p.25)

A partir do exposto, pode-se dizer que a proposta sobre a qual se reflete é um desafio diante da pedagogia tradicional, que há séculos vem sustentando a sociedade capitalista, cujo fundamento último é o acúmulo do capital, manifesto na cultura do ter e objetivando reduzir tudo a mercadoria, inclusive as pessoas. Por causa disso, a educação que temos prioriza as competências e habilidades, visando preparar o aluno para ser um excelente profissional; no entanto, e com raras exceções, problematiza conteúdos para que o educando possa ele mesmo se transformar, mediante a educação, em um ser humano autêntico, em indivíduo singular e ético.

A EDIFICAÇÃO DA SUBJETIVIDADE

Há muito tempo, percebe-se que a grande maioria da população brasileira, especialmente os envolvidos na questão educacional, não estão satisfeitos com a escola que temos. Cada um pensa que o culpado do mau funcionamento seja sempre o outro, ou os outros. A maioria dos pais acredita que os responsáveis pelos maus resultados obtidos por seus filhos sejam os professores; os professores, por sua vez, culpam as famílias e governantes e dizem que os alunos não querem nada com a vida e muito



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

menos com estudo. Na obra *A Vida na Escola e a Escola da Vida*, os autores afirmam: “Se a escola não está servindo à maioria e se, ainda por cima, está dando falsas esperanças e ilusão, ela não está cumprindo com sua missão e precisa ser mudada.” (CECCON & OLIVEIRA, 1997, p. 77)

Mudar a escola – mudar a nossa educação – mas isso seria possível? Sabendo-se que a escola, como as demais instituições, fazem parte de uma engrenagem muito maior a que chamamos sistema e que, em nosso caso, trata-se de um terrível sistema chamado capitalista, tão selvagem a ponto de considerar como objetos e mercadorias inclusive as próprias pessoas. É lamentável admitir, mas na realidade, o que está no centro desta sociedade não é a pessoa humana; é o dinheiro, o lucro, o capital, a produção e consumo, a exploração desenfreada dos recursos naturais e, por isso mesmo, toda a vida no planeta corre sérios riscos de extinção. Mais lamentável ainda é admitir que a educação que temos vem reforçando, alimentando, mantendo ou sustentando este sistema de morte. Segundo Almeida:

[...] a ética e a educação vivem em dois universos antagônicos quando tomados no interior da realidade socioeconômica-cultural brasileira. O discurso é um, a prática é outra; a ética propõe ações para construir a dignidade humana, a educação instrumentaliza e ajusta para o mercado de trabalho e para a adequação às normas de controle vigente (ALMEIDA, 2013, p. 13)

Em nossos dias, e com raras exceções, a tarefa da educação tem sido a de ensinar ou preparar o cidadão para o mercado de trabalho. Trata-se de uma espécie de treinamento ou domesticação, conforme Paulo Freire nos esclarece em *Pedagogia do Oprimido*. Inclusive os cursos mais concorridos são aqueles referentes a profissões que rendam mais dinheiro e que deem mais *status*, haja vista a grande concorrência nos cursos de medicina, engenharia, direito, etc. Os alunos são estimulados a uma competição desenfreada, sendo bastante elogiados e chamados de “cobras” e “feras” quando conseguem ingressar em tais cursos. Ai daqueles que só consigam, ou mesmo queiram, assumir profissões mais simples e que rendam menos no mercado de trabalho.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Serão considerados uns “coitadinhos”, ficando à margem da sociedade como pessoas inferiores. E se alguém dissesse que gostaria de estudar mesmo para se tornar gente de verdade, aí sim, esse seria considerado um “louco”, alienado, bobo, precisando de tratamento psiquiátrico.

E não seria este, exatamente, o caminho a percorrer através do processo educacional? Ir se tornando gente, pessoa singular, edificando no dia a dia a sua subjetividade, uma vez que o homem é um ser inacabado, um projeto? Neste sentido, Kierkegaard e Paulo Freire arquitetam a educação existencial como a grande tarefa do tornar-se um si mesmo, percorrendo o caminho do estar vivo como um animal ou vegetal quaisquer para transformar-se em si mesmo e esta transformação ou metamorfose só pode acontecer no interior da ética. Para Almeida, esta concepção do homem como inconcluso e inacabado e por isso mesmo aberto às possibilidades é comum aos dois pensadores.

Porque inconcluso é capaz de ser educado. Por isso, não é possível fazer uma reflexão séria sobre filosofia, sobre educação e sobre a ética sem refletir de dentro sobre o próprio homem, sobre a condição humana, sobre as contradições e os contrastes inerentes ao processo do tornar-se homem, pelo menos é essa a temática desenvolvida por Freire, principalmente em *Educação e Mudança*, *Pedagogia da autonomia*, *Pedagogia do Oprimido*, e por Kierkegaard na *Doença mortal (o desespero humano)*, *Post-scriptum conclusivo não científico*, *O conceito de angústia*, *Migalhas Filosóficas* e *As Obras do Amor*. (ALMEIDA, 2013, p. 18)

A relação entre subjetividade, existência e ética, constitui-se, portanto, o cerne dessa nossa discussão a respeito do processo educacional. Kierkegaard, na obra *Post-scriptum conclusivo*, afirma que o indivíduo singular ao concretizar o si mesmo, torna-se uma subjetividade ética e que esta é a maior tarefa que é concedida ao homem, no entanto, este tornar-se si mesmo implica na superação do eu egocêntrico com base na edificação que acontece na escola da interioridade. Assim sendo, o indivíduo singular só se torna um si mesmo mediante a relação que estabelece consigo mesmo (o pessoal);



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

com o próximo (o interpessoal); com a comunidade (o social) e com o Absoluto (o transcendente).

UM NOVO FAZER PEDAGÓGICO

Com base nos estudos de Kierkegaard e Paulo Freire, Almeida vai nos ajudando a refletir sobre a relação educação e existência. Diante das afirmações de que a existência é uma tarefa que quer ser realizada; que viver é um dom e existir é transformar-se em si mesmo, entende-se que é preciso repensar a nossa educação. Uma nova postura educacional, um novo fazer pedagógico se faz urgente e necessário. Mas como se realizará essa tarefa? Como edificar-se a si mesmo? Como educar se até o próprio mestre apenas vive, mas não existe?

O existir autêntico é para o existente o seu supremo interesse e comprometer-se em existir é a sua realidade. Portanto, o autêntico saber é aquele que promove essa transformação interna, o que não é possível num discurso acadêmico e desinteressado, numa lógica fria e insensível diante dos destinos e dos dramas colocados a cada existente. [...] O que precisa ser entendido nas pedagogias atuais é que a nossa vida está em nossas mãos e que somos responsáveis pelas escolhas que construirão ou não uma individualidade autêntica. (ALMEIDA, 2013, p. 25)

A palavra “transformação” tem sido tema frequente em debates, palestras, escritos, conversas formais e informais. Ouvimos, constantemente, que é preciso lutar para transformar o mundo, transformar a nossa história, transformar a nossa vida, transformar a sociedade, enfim, transformar tudo aquilo que está atrapalhando nossa convivência social. A palavra semelhante que tem sido bastante usada é a palavra mudança: mudar nossa realidade, mudar as estruturas sociais, mudar tudo e todos. A respeito do papel do trabalhador social, especialmente do educador, nesse processo de mudança (transformação), já nos alerta Paula Freire, em sua obra *Ação Cultural para a Liberdade e Outros Escritos*:



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

É algo importante perceber que a realidade social é transformável; que feita pelos homens, pelos homens pode ser mudada; que não é algo intocável, um fato, uma sina, diante de que só houvesse um caminho: a acomodação a ela. É algo importante que a percepção ingênua da realidade vá cedendo seu lugar a uma percepção que é capaz de perceber-se; que o fatalismo vá sendo substituído por uma crítica esperança que pode mover os indivíduos a uma cada vez mais concreta ação em favor da mudança radical da sociedade. (FREIRE, 1981, p. 33)

Acrescenta Paulo Freire que a percepção desta realidade, distorcida pela ideologia dominante, pode ser mudada, na medida em que, no “hoje” em que se está verificando o antagonismo entre mudança e permanência, este antagonismo começa a se fazer um desafio e que esta mudança de percepção, que se dá na problematização de uma realidade conflitiva, implica num novo enfrentamento dos indivíduos com sua realidade. (FREIRES, 1981).

Após as valiosas colocações do filósofo e pedagogo Paulo Freire, poderemos fazer vários questionamentos: Mas essa mudança, resultado de um novo enfrentamento dos indivíduos com sua realidade, seria apenas na dimensão social, ou melhor dizendo, essa realidade a se enfrentar seria apenas a das estruturas sociais externas, em tudo aquilo que está fora de nós? Ou poderíamos avançar bem mais, nos voltando para a realidade que nos está mais próxima? E qual seria essa realidade tão carente de mudanças? Não seríamos nós mesmos?

A partir dos estudos de Kierkegaard, tão bem esmiuçados e traduzidos na proposta de Almeida por uma educação ético-existencial, entendemos que esta primeira e mais significativa mudança da realidade diz respeito a nós mesmos, a cada um de nós, pessoas que não apenas precisamos viver, mas existir. Quando todos nós, a começar pelos educadores, começarmos a assumir a grande e urgente tarefa, que é a edificação da nossa própria existência, aí sim, poderemos iniciar um novo fazer pedagógico, ou seja, um novo processo educacional capaz de ir transformando a vida e o mundo. “Ou curamos a nós mesmos no interior da nossa



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

individualidade, ou vaticinamos o fim da existência humana e inauguramos uma nova forma de vida, mas não de existência”. (ALMEIDA: 2007).

CONCLUSÕES

De acordo com Almeida (2007), analisar a educação e a pedagogia em Kierkegaard só é possível no interior da política e da ética, pois a educação é a transformação do eu em si mesmo, do indivíduo em singular, do ser humano em pessoa humana, único ser que é capaz de escolher entre o bem e o mal, o justo e o injusto, o certo e o errado, porque em verdade, o bem e o mal, o justo ou injusto dependem de nossas escolhas íntimas e pessoais. Na perspectiva da educação ético-existencial, a questão essencial e que envolve indissociavelmente ética, política e educação é: como educar eticamente, como existir eticamente em um mundo privado de si mesmo? Como ser singularidade nesse mundo que investe tanto em multidão, espetáculo e fantasia? Como existir como pessoa singular numa sociedade que transforma tudo em objeto, inclusive as próprias pessoas?

Mediante esta situação, entendemos que se trata de um grande desafio mesmo, na verdade, trata-se de remar contra essa corrente capitalista que transforma tudo em coisa, mercadoria e lucro. No entanto, compreendemos também que não se pode mais continuar fingindo que está tudo bem ou, pior ainda, assumir uma postura de neutralidade diante dos fatos como se nada nos atingisse. Assim sendo, estaríamos reforçando ainda mais as estruturas dominantes. Portanto, diante dessa realidade, percebemos que uma boa notícia no campo da educação venha a ser esta proposta pedagógica inovadora e desafiante, que desperta ainda mais o nosso interesse como educadores, a fim de que se continue pesquisando este novo fazer pedagógico, tão necessário e urgente na construção da singularidade no momento atual, uma vez que se encontra ausente nesta sociedade capitalista.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Jorge Miranda de. **A Educação em Kierkegaard e Paulo Freire: por uma educação Ético-existencial**. Vitória da Conquista/BA: Edições UESB, 2013.
- ALMEIDA, Jorge Miranda de & VALLS, Álvaro L.M. **Kierkegaard**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- CECCON, Claudius, OLIVEIRA, Miguel Darcy de & OLIVEIRA, Rosiska Darcy. **A vida na escola e a escola da vida**, Petrópolis: IDAC, 1997. 32ª ed.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- _____. **Ação Cultural para a Liberdade e Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. 5ª ed.
- _____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 2013. 54ªed.
- _____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 27ª ed., São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. **Pedagogia da indignação**. Cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- KIERKEGAARD, Sorën. **Pós-Escrito às Migalhas Filosóficas**. Vol. I, Petrópolis, RJ: Vozes, 2013
- _____. **As obras do amor**. Petrópolis: Vozes, 2005. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls e Marília Murta de Almeida.
- _____. **O Conceito de Angústia**. Petrópolis: Vozes 2010.